



Graciliano Ramos e Jorge Amado: escritores comunistas

Júlia Monnerat Barbosa*

Esta comunicação pretende tornar visíveis os principais aspectos e resultados da tese de doutorado “Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB”, defendida na Universidade Federal Fluminense, em maio de 2010, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos. Essa tese foi escrita como uma tentativa de contribuir na construção de um enfoque que reintegre os estudos culturais como preocupação importante no entendimento da sociedade, através de uma perspectiva marxista de análise. Nesse sentido, a presente pesquisa busca, na área de investigação em questão, dialogar com quadros de referência e articular-se a problematizações já evidenciadas em estudos paradigmáticos nesse campo, como os de Gramsci, Williams e Thompson.

A década de 1930 é marcada pelo aparecimento de uma nova geração de escritores que transformaram os moldes do romance brasileiro. A partir desta geração, formada majoritariamente por nordestinos, nossa prosa passa a apresentar como marca maior a produção de uma ficção regionalista que tinha como “paisagem” abordada “*o nordeste decadente, as agruras da classe média no começo da fase urbanizadora, os conflitos internos da burguesia entre provinciana e cosmopolita*” (BOSI, 1977:433). Do ponto de vista estilístico, os romancistas da geração de trinta serviram-se dos caminhos abertos pela geração de 22 e apresentaram uma prosa marcada por brasileirismos, regionalismos e o uso abundante da linguagem oral.

O objetivo central deste texto foi investigar as relações estabelecidas entre dois dos mais consagrados escritores desta geração, Graciliano Ramos e Jorge Amado, e o Partido Comunista Brasileiro entre as décadas de 1930 e 1950. A maior inquietação a

* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense, Pós-doutoranda do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa.

mover a pesquisa foi a de identificar as fronteiras entre o comprometimento militante e a criação artística destes dois autores, tentando entender se e como as diretrizes programáticas ou referências políticas mais gerais do partido estariam presentes em suas obras.

O recorte cronológico utilizado permitiu uma investigação sobre transformações no entendimento de nossa intelectualidade sobre o fazer artístico, que aparecem entrelaçadas a uma conjuntura mais ampla. Entre a década de 1930 e 1950, assistiu-se, no Brasil e no mundo, ao acirramento de disputas entre modelos interpretativos da realidade bastante distintos. Capitalismo e socialismo passam a ser encarados como modelos antagônicos e, sobretudo, a partir da Guerra Fria, em disputa por áreas de influência. Neste contexto, a questão da funcionalidade da arte e do papel do engajamento do artista na transformação social passa a ter cada vez mais relevo.

No Brasil, o principal organizador da perspectiva socialista foi o PCB. Em torno do Partido e de seus aparelhos de divulgação cultural gravitou grande número de intelectuais que se identificavam com a crítica da sociedade brasileira sob a perspectiva da esquerda. Por outro lado, grande parcela da intelectualidade brasileira opunha-se às proposições comunistas, quer pelo viés de outras correntes do socialismo, quer pela negação de sua importância como instrumento de compreensão e transformação do real.

No que se refere aos escritores, além de permitir, em cada caso, observar questões relacionadas aos vínculos oficiais – ou não - com o partido, o período proposto engloba a publicação de quase toda a produção literária de Graciliano Ramos (pois poucas de suas obras de publicação póstuma são posteriores à década de cinquenta, em que faleceu) e atinge o que se convencionou chamar de primeira fase da obra de Jorge Amado até seu afastamento do partido. Em ambos os casos, o início da publicação da obra ficcional dá-se na década de 1930 e a década seguinte, de 1940, é o período em que se efetivam, ou se tornam públicas, suas militâncias no PCB, independentemente de supostos vínculos anteriores (mesmo que só como simpatizantes) que, na década

precedente, os teriam levado à prisão (assim como a muitos outros intelectuais), na esteira dos acontecimentos de novembro de 1935, em Natal, Recife e Rio¹.

A escolha destes dois autores como base de investigação foi pautada pela visibilidade de ambos tanto no cenário literário nacional² quanto por seus comprometimentos militantes. Esta visibilidade, no entanto, se processou de forma diferenciada: ambos experimentaram, em vida, graus diferentes de reconhecimento de suas obras, graus diferentes de envolvimento partidário e tiveram suas produções literárias, também de forma diferenciada, marcadas pelas linhas diretrizes comunistas. Os paralelos possíveis em suas trajetórias de vida, no entanto, sugeriram percursos interessantes de pesquisa, permitindo que experiências comuns aos dois autores fossem investigadas do ponto de vista da presença/ausência de representação em suas obras.

Concentramos, portanto, nossa pesquisa entre as décadas de 30 e 50, mais especificamente, indo da escrita e publicação³ dos primeiros trabalhos ficcionais de ambos os autores (a saber, 1931, para a publicação, por Jorge Amado, de *O país do Carnaval* e 1933, para a publicação de *Caetés*, de Graciliano) até a morte de Graciliano, em 1953, e a publicação, por Amado, de *Os subterrâneos da liberdade*, em 1954, obra que na produção deste autor encerra uma fase, antecedendo as mudanças em seu projeto

¹ De Graciliano, sabe-se que não participou da ANL e da rebelião armada de 1935, mas que, em início de 1936, foi avisado, por mais de uma pessoa, de sua próxima prisão, inclusive através de bilhete enviado pelo próprio secretário-geral regional do partido –Alberto Passos Guimarães –, que estava desde novembro na clandestinidade (cf. Dênis de Moraes. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992, 101-107). Jorge Amado, embora muitos registros considerem sua filiação ao PCB datando de 1945, em entrevista concedida a Antônio Roberto Espinosa, em junho de 1981 (Amado, *Literatura comentada*, 1981, p.3-34), diz que seu contato com o Partido é anterior a 45 (“Meu contato com o Partido é anterior a essa época. Em 45 minha militância fica pública. Eu era ligado à juventude. Naquele tempo, havia Juventude Comunista.”), após comentar sua prisão em 36 (“No começo de 36. Em novembro de 35, no dia 27, houve o levante do III Regimento de Infantaria. Fomos presos vários intelectuais... Eu acho que alguém que foi preso antes, foi espancado e falou. Graciliano Ramos foi preso em Maceió e levado pro Rio. Eu fiquei preso dois meses na Polícia Central. Vários intelectuais foram presos na época, Santa Rosa, Caio Prado Júnior, Di Cavalcanti, Hermes Lima, Eneida, Castro Rebelo, Aporelly, Álvaro Moreyra etc.), revelando ainda: “Eu tive uma militância grande na Aliança Nacional Libertadora... O Congresso Juvenil Proletário-Estudantil... não me lembro mais o nome, de 34, foi convocado com três assinaturas: a minha, a do Carlos Lacerda e a de um rapaz cujo nome não recordo, que era secretário da Juventude Comunista.”

² Não sendo desprezível sua repercussão internacional, em parte associada ao vínculo partidário.

³ Embora fazendo referências a algumas datas relacionadas ao período em que foram escritas obras dos autores considerados, preferencialmente balizaremos nosso recorte pelas datas de primeira edição brasileira dos livros de que vamos tratar, buscando demarcar o momento do conhecimento público dos textos, uma vez que, até a revisão de provas, a escrita pode estar em processo, sofrendo alterações.

literário, associadas ao XX Congresso e à divulgação, em 1956, do relatório de Krushev sobre a política stalinista, expondo os crimes do governante, fato que causou imenso impacto nos partidos e militância comunistas mundiais e, como não poderia deixar de ser, teve reflexos no debate ocorrido no interior do partido e na militância brasileiros.

Balizando o final do período a ser estudado, não foi utilizado o recorte de uma década, mas sim a um significativo momento que, no cenário internacional, assinala uma revisão crítica dos rumos da revolução soviética, com conseqüências nas discussões internas dos partidos comunistas e na esquerda mundial. A esse respeito, parece ser significativa a mudança de orientação na escrita de Jorge Amado, culminando em seu afastamento da literatura inspirada pelo realismo socialista, mudança identificada na publicação de *Gabriela, cravo e canela*, em 1958⁴ (obra que é seu primeiro texto ficcional após 1950, data que o autor indica como a do término da escrita da trilogia *Os subterrâneos da liberdade*, que teve sua primeira edição brasileira em 1954). A morte de Graciliano Ramos, em 1953, é anterior a este marco crítico na história dos PCs, não sendo possível verificar, em sua escrita, transformações relacionadas à publicação do documento de 1956. Com relação aos anos finais da década de 50, a respeito de Amado, pode-se dizer que nesse período as questões, já assinaladas, referentes ao PCB, ensejam a possível correlação entre reorientação da escrita ficcional e posturas militantes político-partidárias em jogo no momento de um debate crítico, interno e internacional.

Como o objetivo da tese em questão não era, de forma alguma, a confecção de biografias nem de críticas literárias das obras dos autores⁵, mas sim na possibilidade de entendimento de algumas das possíveis relações instauradas entre o PCB e seus militantes literatos, a pesquisa privilegiou algumas questões motrizes, a saber: as formas diferenciadas de relação entre comprometimento militante e produção literária e as

⁴ De alguma forma, embora o desenho que queremos imprimir não seja o da divisão por décadas, esvaziadas de conteúdos políticos específicos sobre a temática considerada, uma coincidência faz com que a produção literária de Jorge Amado tomada como objeto do estudo seja a que compreende as publicações feitas no período que vai do início de sua produção até o fim dos anos 50, uma vez que só em 1961 será editada no Brasil a obra que se segue a *Gabriela*.

⁵ Esforços estes já empreendidos por outros estudiosos da área de letras, movidos por outras questões e inquietações que não as que orientam o presente projeto.

relações recíprocas estabelecidas entre o Partido Comunista Brasileiro e seus intelectuais. A investigação destas questões se serviu da produção escrita de Graciliano Ramos e Jorge Amado da forma mais plural possível, ou seja, tanto de obras de caráter ficcional quanto de caráter memorialístico. Ao se ampliar o espectro de investigação para além das obras literárias de cunho imaginativo buscou-se perceber as avaliações dos próprios autores sobre sua militância partidária e seus posicionamentos políticos.

Para a análise das fontes ficcionais, a pesquisa girou em torno de um tema aglutinador-que permitiu vislumbrar posições de permanência e alternância na visão dos autores. O tema escolhido para a confecção deste painel foi o das representações de trabalhadores, incluindo intelectuais (em especial escritores), através da construção de personagens de Graciliano Ramos e Jorge Amado⁶.

Nesse sentido, as relações de Paulo Honório (*São Bernardo*) com seus empregados, com a intelectualidade, com as idéias sociais de Madalena; o funcionário Luís da Silva (*Angústia*) diante das pichações “Proletários uni-vos” nos muros e dos dilemas amorosos e sociais que o levam ao enfrentamento e assassinato de Julião Tavares; os conflitos na ordem do latifúndio e o êxodo diante da seca vividos pela família dos retirantes Fabiano, Sinhá Vitória, os dois meninos e a cachorra Baleia (*Vidas secas*) são apenas algumas das representações ficcionais que indagamos na obra de Graciliano, ao lado de escritos confessionais, como *Viagem*. Quanto a Jorge Amado, nosso interesse percorreu desde as indefinições do personagem intelectualizado Paulo Rigger e de sua geração (*O país do carnaval*), passando aos romances proletários, como o dos “alugados” que vendem sua força de trabalho aos coronéis das plantações (em *Cacau*) ou o dos explorados de *Suor*, ou ainda as construções de figuras como a de Baldo (o Antônio Balduino de *Jubiabá*) que, da alienação inicial, conquista a consciência de sua classe, tornando-se um ativista do movimento grevista. A participação de Pedro Bala (em *Capitães da areia*) na luta de operários e estudantes, assim como os enfrentamentos ao latifúndio cacauero representado pelas oligarquias

⁶ Este eixo se configurou como norteador do trabalho, mas isso não impediu que outros temas fossem, também, ser fruto de nossa investigação, como o momento histórico brasileiro em que se passam as ações, as representações de militantes, de outros intelectuais orgânicos, do partido, de mobilizações sociais, de organizações da classe trabalhadora, diferenças entre trabalhadores urbanos e rurais etc.

(em *Terras do sem fim*) ou aos exportadores estrangeiros (*São Jorge dos Ilhéus*) também foi analisada, na sondagem de um programa que parece nortear a obra de Amado escrita até seu afastamento da militância no PCB, programa esse que articularia representações ficcionais em situações de conflito cujas soluções devidas ao heroísmo individual passariam a ceder, progressivamente, lugar a ações coletivas organizadas, articuladas no espaço da luta de classes, envolvendo, a quase totalidade das obras desse período, processos de superação da alienação, pela tomada da consciência de classe.

Ainda na esfera da investigação de seus escritos, mereceu destaque na tese o fato de ambos terem escrito sobre vida de Luiz Carlos Prestes - Graciliano Ramos em crônica publicada em primeiro de janeiro de 1949 em *A classe operária*⁷ e Jorge Amado em discurso proferido na ABI e posteriormente publicado na mesma edição do periódico e no livro biográfico *Cavaleiro da esperança*⁸, - levando em conta o momento de escrita dos textos, revelando questões sobre discursos oficiais do partido, referentes à construção de heróis da classe trabalhadora através do culto à personalidade.

Assim, numa perspectiva de análise comparativa dos rumos destes dois autores, foram investigados eventos e movimentos de suas trajetórias e em suas obras literárias personagens e assuntos recorrentes que permitissem perceber as relações estabelecidas entre engajamento do intelectual/literato, sua obra e militância comunista. Outros pontos coincidentes que apresentam desdobramentos de interesse para a pesquisa são a prisão e as viagens ao mundo socialista, experiências estas tratadas de forma confessional por Graciliano Ramos e Jorge Amado.⁹

Diretamente relacionado ao grau de compromisso assumido por esses homens com o Partido Comunista Brasileiro, buscou-se, finalmente, investigar a presença ou afastamento de suas obras dos ditames do realismo socialista. Amado, que, no período que coincide com as denúncias de Kruschew contra o stalinismo, deixaria a militância

⁷ Moraes, Dênis. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.253.

⁸ Amado, com primeira edição argentina, de 1942, texto que foi, no Brasil, proibido pela censura por algum tempo.

⁹ Ramos, *Viagem*, com primeira edição póstuma, de 1954, finalizado em 1952, em Buenos Aires, quando lá esteve para ser operado do tumor, vítima do qual faleceria, cinco meses após a cirurgia em que já não foi possível retirá-lo; Amado, *O mundo da paz*, com primeira edição de 1951, reeditado até 1953, a partir de então não sendo mais autorizada sua publicação pelo autor.

partidária, em 1957 (afastando-se de tarefas de representação e de orientações do figurino do realismo socialista) para dedicar-se com mais afinco à literatura, , anos antes, chegaria a ser mencionado por alguns dirigentes, comparando-o a Graciliano, como se a este último pudesse oferecer um modelo a ser seguido. Preservando sua atitude crítica e de distanciamento quanto às orientações normatizadoras de uma escrita literária a serviço do partido, Graciliano, apesar de suas divergências face às orientações da militância ditadas pelo zdanovismo para o controle da produção cultural e às censuras, delas decorrentes, a que se veria exposto (pela construção de seus personagens de ficção, bem como por colocações constantes dos relatos de *Viagem e Memórias do cárcere*), permaneceria vinculado ao PCB até sua morte, em 53, embora não tivesse vivido para conhecer os assim chamados “crimes de Stalin”. Por outro lado, tal conhecimento parece ter contribuído para interromper, em Amado, a estrita observação de preceitos forjados para a produção artística na URSS: ao ser perguntado, em entrevista, se o XX Congresso não teria facilitado “*levar à prática sua decisão de deixar a militância*”, responde que “*Daí em diante, eu passei a pensar com minha própria cabeça. Eu era um homem que tinha vivido o stalinismo, que tinha sofrido o stalinismo*” (AMADO, 1981: 28).

Como aponta Rubim, uma das características mais importantes da tradição marxista foi sua caracterização “*Como movimento político-ideológico e, por derivação, cultural*”, que “*têm se dedicado a educar seus militantes, conquistar mentes e corações dos trabalhadores e de outros grupos sociais não-dominantes e influenciar a sociedade como um todo em um patamar político-ideológico e cultural*” (RUBIM, 2007: 379). Como organização marxista, o Partido Comunista do Brasil, ao longo de sua história, procurou realizar esse convencimento e essa atração de novos membros através de estratégias distintas e variantes, de acordo com cada conjuntura específica.

A tese buscou investigar como alguns meios de difusão dessa perspectiva político-ideológica dos comunistas foram utilizados ao longo das três décadas pesquisadas.

No primeiro capítulo, o fio condutor foi o jornal *A classe operária*. Através do acompanhamento de suas edições, pode-se perceber a importância do órgão oficial do

partido na remodelação das linhas políticas adotadas em cada conjuntura específica (para tal, nos utilizamos das matérias sobre Luis Carlos Prestes) e em sua divulgação para o conjunto da militância. Outros jornais, como é o caso, no Rio de Janeiro, de *Tribuna popular*, que em 1947 é substituída por *Imprensa popular*, destinam-se a um público mais amplo do que aquele formado pela militância, e mesclam reportagens e colunas sobre variedades e esportes àquelas de cunho político-ideológico mais claro. Percebe-se, ainda, a importância das revistas culturais nas engrenagens do partido para atração de novos militantes e para se constituir como pólo aglutinador de intelectuais de esquerda.

A tese investigou a importância deste propósito agregador e de difusão do PCB na produção de Jorge Amado e Graciliano Ramos, ao mesmo tempo em que se procurou perceber como se deu a adoção ou não da linha traçada pelo partido para a área cultural em suas obras. As artes em geral, e a literatura de forma mais específica, foram alvo de preocupações dos comunistas, na União Soviética e nos partidos pelo mundo afora, que tentaram encontrar uma fórmula responsável pela melhor divulgação do comunismo e pela atração de novos militantes. Um modelo estético capaz de espelhar o novo homem e a nova sociedade que se estaria construindo no mundo socialista e, ao menos em germe, na militância comunista de forma geral. O realismo socialista, que teve em Zdanov seu principal arauto, foi a expressão máxima deste esforço.

Estudando as produções de Jorge Amado e Graciliano Ramos anteriores e posteriores ao período em que o realismo socialista passou a ser adotado pelo Partido Comunista do Brasil como modelo para as artes, percebe-se sua relevância como evidência da força desse projeto político-ideológico de que fala Rubim.

Vimos também que fazia parte da estratégia do partido, em nível mundial, a construção dessas figuras emblemáticas que permitissem a convergência de energia e esforços de mobilização comunista, tendo figurado como um dos maiores pressupostos do realismo socialista a valorização do herói proletário, o que não aconteceria apenas na ficção, mas também na imprensa operária em torno de figuras reais, como foi o caso de Prestes.

Naquela edição comemorativa pudemos verificar uma diferença na forma como se processava o cumprimento das tarefas partidárias por parte de nossos dois escritores. Enquanto Graciliano foge ao estilo grandiloqüente que domina a quase absoluta maioria dos textos desta edição, Jorge não foge a regra e refere-se a Prestes com epítetos que o qualificam como líder, guia, herói. Na análise da literatura de Jorge Amado, encontramos com muita frequência vários dos elementos do modelo estético do realismo socialista, tal como difundido por Zdanov e seus divulgadores no Brasil. Embora outras matrizes possam ser percebidas como informando a perspectiva estética de Amado – como é o caso da sua particular combinação das características do romance social regionalista da geração modernista do pós-1930 com as referências do cancionero popular –, é primordialmente do modelo do realismo socialista que irá se servir para construir as obras em que mais claramente exalta os heróis comunistas, quais sejam, *O cavaleiro da esperança* e *Os subterrâneos da liberdade*.

Por outro lado, a desmistificação de figuras tratadas como heróis por outros escritores comunistas, como o próprio Jorge Amado, é estratégia corriqueira de Graciliano Ramos. Já havia utilizado esse procedimento em 1949 quando do texto encomendado para a comemoração do aniversário de Luis Carlos Prestes para *A classe operária*, construído para afirmar que Prestes não havia almejado alcançar o *status* de mito nacional, mas que teria sido colocado na pele de um herói pela “multidão”. A partir daí, todos os argumentos utilizados pelo autor para sustentar essa tese vão ao encontro do resgate da “humanidade” de Prestes, como por exemplo, descrevê-lo como um tímido. Tratar o herói como homem, nesse caso, não significava necessariamente diminuir sua grandeza. Podia ocorrer justamente o inverso, como parece ser o caso, pois mais que uma construção artificial de culto à personalidade, o que se constatava era uma construção popular, um reconhecimento, da importância de Prestes.

Em 1952, Graciliano teria recorrido ao mesmo recurso ao afirmar que o tão proclamado e condenado culto à personalidade de Stalin na URSS nada mais era do que a vontade espontânea e legítima de um povo que se alegrava em poder prestar homenagens ao responsável pela vitória contra os nazistas e pela construção do socialismo. Assim, Stalin, docemente, aceitaria essas homenagens.

Tal estratégia, entretanto, nem sempre seria compreendida como adequada pelos que dirigiam o partido. Em sua outra obra póstuma, *Memórias do cárcere*, essa estratégia de humanização de personagens ordinariamente tratados de forma mitificada renderia problemas ao autor. Como relata Dênis de Moraes, dirigentes do PCB teriam tentado censurar os manuscritos do livro de memórias por Graciliano não apresentar retratos adequados dos grandes heróis comunistas, apresentando, por exemplo, Agildo Barata como um sujeito baixinho e fleumático.

Em suas obras de ficção essa estratégia também parece ter sido uma marca do escritor alagoano. Nenhum de seus personagens pode ser caracterizado como um herói típico. Todos, sem exceção, dos protagonistas aos comunistas, são apresentados em sua humanidade repleta de falhas, fraquezas e fragilidades. Nada mais distante de um herói do que um protagonista vaidoso e aproveitador, como João Valério de *Caetés*. Nada menos próximo de um herói comunista do que o medroso Padilha de *São Bernardo*. Tratavam-se, isso seria mais próprio dizer, de típicos “heróis problemáticos”, como os personagens centrais dos grandes romances realistas do século XIX (aqueles que Lukács definiria como exemplos do realismo crítico).

Essa distância de um dos principais pressupostos do realismo socialista, a apresentação de um herói proletário que servisse de exemplo inspirador aos leitores, será constante na obra de Graciliano. Mesmo quando se trata de um texto encomendado pelo partido para a comemoração do aniversário de Prestes, ou para apresentar Stalin.

Pelas avaliações que fizemos ao longo deste trabalho sobre as participações de Amado e Ramos na vida partidária e na cena literária nacional, pudemos observar como a participação destes homens se fez importante em dois momentos cruciais da história do partido. O primeiro no pós 45 quando o PCB transforma-se em um grande partido de massas, principal força de esquerda no Brasil. O segundo, durante a guerra fria, quando foi necessário um esforço imenso para contrapor-se à enxurrada de matérias e reportagens da grande imprensa que demonizavam o comunismo.

Nesses dois momentos, Jorge Amado e Graciliano Ramos cumpriram o papel de defesa do partido, para reafirmar o papel dos comunistas na luta pela transformação da

realidade brasileira e emprestaram seus nomes e seus prestígios para, no primeiro, solidificar e ampliar o destaque que o PCB adquiria como importante força política da redemocratização, e, no segundo, para tentar combater o anti-comunismo que se espalhou durante o período da guerra fria.

Os escritores desempenharam esses papéis em graus variados de comprometimento tanto com as tarefas diretamente vinculadas ao campo da disputa política (na representatividade na entidade de base – a ABDE – ou na representatividade da legislatura – no caso a câmara dos deputados); na imprensa partidária (escrevendo artigos, fazendo entrevistas, fazendo análises políticas ou literárias, ou, ainda, escrevendo elogios); ou em sua própria obra (como fica evidente nos relatos das viagens à União Soviética, mas também aparece em obras ficcionais).

Claro que a diferença constatada na adoção do modelo do realismo socialista nas obras de Jorge Amado e Graciliano Ramos reflete, em nosso entender, algum nível de diferença no grau do compromisso que assumiram com o partido, não apenas do ponto de vista literário, mas, sobretudo, do ponto de vista de escolhas de vida.

Mesmo sem ter nunca assumido cargos na cúpula do partido, Jorge Amado pode ser definido, ao longo do período por nós estudado, como um homem do partido. Sua biografia dificilmente pode ser compreendida sem se levar em conta os deslocamentos motivados por tarefas ou necessidade decorrentes de posições partidárias. Seus períodos de exílio, em que viveu principalmente por conta do partido, dependendo dos contatos e dos postos designados pelo PC, foram fundamentais para a circulação de sua obra. O que faz com que, até o surgimento de Paulo Coelho, fosse o escritor brasileiro mais conhecido no exterior e que contasse com o maior número de traduções. Sua ligação com o partido e o papel de representante dos escritores brasileiros nos congressos pela paz, no início da guerra fria, garantiram a circulação de seu nome e o contato com a intelectualidade internacional.

Amado dedicou-se tanto a tarefas de caráter estritamente político, como foi o caso de sua candidatura e exercício de mandato como deputado federal nas eleições de 1946 e na legislatura que a elas se seguiu, quanto a tarefas relacionadas ao campo

estético, como foi o caso da escrita dos livros sobre Prestes e sobre a atuação dos comunistas durante o Estado Novo, que assumem claramente a influência do realismo socialista. A coordenação da coleção de livros “Romances do Povo” correspondeu a outra tarefa de natureza similar.

Já para Graciliano Ramos, a militância no partido não possui o mesmo peso ao longo de sua trajetória. É claro que foi um militante disciplinado, tendo inclusive aceitado candidatar-se ao cargo de deputado por Alagoas, mas não teve sua vida tão imbricada à vida partidária. Talvez por sua filiação tardia, se comparada à de Jorge Amado, ou pela própria disponibilidade para o desempenho de tarefas partidárias, uma vez que a literatura não garantia seu sustento e o sustento de sua família. Graciliano Ramos não pode ser tomado como exemplo típico da adoção do realismo socialista, mas também não deixou de dar suas contribuições ao reforço de imagens pretendidas pelo partido como propaganda: a saber, a campanha pela paz, promovida, sobretudo, através de seu relato de viagem e o reforço da figura de Luis Carlos Prestes como herói nacional. Sua atuação à frente da ABDE, após o racha que dividiu os escritores e de certa forma isolou os comunistas, também pode ser lida como resultante desse mesmo compromisso partidário.

Por outro lado, para dimensionar mais adequadamente o papel político de Graciliano e Jorge, é preciso ter em conta sua inserção no contexto literário e social da época em que escreveram. Nossos autores fizeram parte de uma geração que participou de grandes transformações no cenário literário e editorial brasileiro. Se antes, no século XIX e início do século XX era impensável para um autor brasileiro a perspectiva de viver exclusivamente da literatura, a partir de transformações de ordem econômica e social essa passa a ser uma perspectiva possível.

No entanto, a concretização desta aspiração da maior parte dos escritores – viver exclusivamente de sua produção artística – não será realidade para a maioria. Graciliano Ramos e Jorge Amado representam dois casos distintos: o do autor que se desdobra entre outras atividades profissionais e a produção literária – que sozinha não lhe garante o sustento, e o do autor que pode se dar ao luxo de viver exclusivamente de sua obra.

Essa diferenciação é importante por mostrar o grau de reconhecimento ou de sucesso de vendas alcançado por Ramos e Amado. O primeiro recebeu elogios de crítica e boa acolhida por parte do meio literário, mas não conheceu, em vida, um enorme sucesso de vendas. O segundo, também bem acolhido pela crítica especializada e pelos pares, conheceu significativo sucesso na vendagem de seus livros.

Durante todo o período de sua vida em que se dedicou à literatura, Graciliano Ramos teve que desempenhar outras funções que lhe garantissem o sustento de sua numerosa família. Em alguns momentos de sua trajetória acumulou cargo público com revisão de jornais, ao mesmo tempo em que escrevia seus romances, além disso, utilizou-se largamente da venda de crônicas como forma de complementação da renda familiar. Essa necessidade fez com que, desde o começo, a atividade literária não fosse encarada como exclusiva detentora de sua atenção e esforço, gastando maior parte de seus dias desempenhando atividades que não se relacionavam, direta ou remotamente, à produção literária. Dessa forma, dependendo do momento de sua vida, passava os dias como diretor da imprensa oficial de Alagoas, e depois do expediente dedicava-se à escrita de um romance; ou passava as noites como revisor de jornais de grande circulação e de dia escrevia crônicas e contos para serem vendidos aos mais diversos veículos; ou, ainda, acumulava o papel de revisor ao de inspetor do ensino público, dispondo, portanto, de pouco tempo a ser disponibilizado à literatura.

Já Jorge Amado, não experimentou, no início de sua carreira, a necessidade de encontrar formas de garantir sua subsistência, pois quando se estabeleceu no Rio para estudar Direito recebia mesada paterna. Esse primeiro momento de disponibilidade para fazer-se conhecer e penetrar no circuito literário parece ter sido importante para a afirmação do baiano em nossas letras nacionais. Mesmo que em alguns períodos tenha tido que desempenhar outras funções, sobretudo na imprensa, passa a poder sustentar-se da renda gerada por seus livros, publicados quase que ininterruptamente. Naqueles anos que examinamos aqui, sua carreira foi alavancada também pelo partido, uma vez que pelas mãos das editoras do PCB foi publicado em diversas línguas e em variados países. Em períodos de forte repressão contou ainda com o apoio do partido que o auxiliou durante seu exílio, na Europa – ocidental ou oriental.

Comentando as diferentes significações que as idéias de compromisso e alinhamento receberam no debate sobre a literatura, Raymond Williams observa que, desde a rejeição de Marx e Engels à “literatura de tendência” em concomitância com sua valorização daquela literatura compromissada com a realidade social, passando pelos debates do século XX, em especial aqueles desenvolvidos nos momentos revolucionários e nas situações que lhes sucederam, é necessário ter em conta, para avaliar as diferentes manifestações do compromisso, tanto o “alinhamento consciente” quanto “*as condições pressionantes e limitadoras dentro das quais, em qualquer momento, tipos específicos de literatura podem ser feitos*”.¹⁰

Em certo sentido, esta tese buscou analisar o compromisso de dois escritores, entendendo tal compromisso não apenas como resultado de escolhas individuais, mas como inscrito num dado momento histórico – particularmente dinâmico no que tange à dramaticidade com que a humanidade foi confrontada com suas capacidades destrutivas e construtivas –, ao qual corresponderam formas específicas de pressões e limites que atuaram sobre a produção literária, como sobre todas as formas de produção.

Graciliano Ramos e Jorge Amado, por certo se aproximavam, porque tomaram “*posição em face das lutas históricas do presente no qual vive o artista*”¹¹. Mas, nem esse compromisso, nem as pressões e limites a que a história os submeteu, significaram uma direção estética unívoca para a escrita de nossos dois autores, ainda que seu compromisso político com o PCB tenha sido equivalentemente consistente, guardadas as especificidades já mencionadas.

Referências bibliográficas:

BARBOSA, Júlia Monnerat. *As greves no Rio de Janeiro (1945-1954)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. (Dissertação de mestrado em história política).

¹⁰ Williams, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 203.

¹¹ Lukács, Gerge, *Introdução a uma estética marxista*, 2a. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970, p. 196.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

_____. *Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB*. Niterói: UFF, 2010 (Tese de doutorado em história)

BOSI, Alfredo. “As letras na Primeira Republica” in: Fausto, Boris (dir.). *História Geral Da Civilização Brasileira. Brasil republicano - v. 9: sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 8ª ed,

_____. *Historia concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix. 1977(2ª Ed, 7ª)

_____. *et alii. Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

COSTA, Hélio da. *Em busca da memória: comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Scritta, 1995.

COSTA, Ricardo da Gama Rosa. *Descaminhos da revolução brasileira: o PCB e a construção da estratégia nacional libertadora (1958-1964)*. Niterói: [policopiada], 2005. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Literatura e humanismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967

CRISTALDO, Janer. *Engenheiros de Almas — o stalinismo na literatura de Jorge Amado e Graciliano Ramos*. Edição e-books Brasil, 2006. Anexo 3.

DEL ROIO, Marcos. “O impacto da revolução russa e da internacional comunista no Brasil” in: Moraes, João Quartim de & Reis Filho, Daniel Aarão (orgs) *História do marxismo no Brasil – o impacto das revoluções - vol.1*. Campinas; SP: Editora da Unicamp, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.

EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006 (Coleção Descobrendo o Brasil).

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004 (Ciências sociais passo-a-passo).

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 1999.

- FONTANA, Benedetto, “Hegemonia e nova ordem mundial”, In Carlos Nelson Coutinho & Andréa Teixeira, *Ler Gramsci, entender a realidade*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- GRAMSCI, *Cadernos do Cárcere*, vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.
- HOBBSBAWM, E. História do marxismo; o marxismo na época da Terceira Internacional: de Gramsci à crise do stalinismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. V.X..
- _____. *História do marxismo. O marxismo na época da Terceira Internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. V. IX.
- LUKÁCS, Gerge, *Introdução a uma estética marxista*, 2a. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- _____. *Marxismo e teoria da literatura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- _____. “Narrar ou descrever? Contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo”, In *Ensaio sobre literatura*, 2a. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- MARX-ENGELS, *Sobre literatura e arte*. (coletânea) . São Paulo: Global, 1979.
- MATTOS, Marcelo Badaró. (org.). *História: pensar e fazer* Rio de Janeiro: Laboratório dimensões da história, 1998.
- _____. (org.). *Livros vermelhos: literatura e militância no Brasil*. Rio de Janeiro: Bom Texto; FAPERJ, 2010.
- _____. Relatório de pesquisa do projeto “*Os sindicatos e a democracia*.” (setembro de 1998 - fevereiro de 1999).
- _____. “Qualificando o debate: conceitos de Gramsci, análise histórica da sociedade brasileira e projeto socialista”. In *Reorganizando em meio ao refluxo: ensaios de intervenção sobre a classe trabalhadora no Brasil atual*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2009.
- MAZZEO, Antonio Carlos. *Corações vermelhos*. São Paulo: Cortez, 1993.
- MELLO, Marisa Schincariol. *Graciliano Ramos: criação literária e projeto político (1930-1953)*. Niterói: UFF, 2005. (dissertação de mestrado)

MORAES, Denis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992.

MORAES, João Quartim de. “A evolução da consciência política dos intelectuais brasileiros” in: MORAES, J.Q.. *História do marxismo no Brasil*. Vol. II (Influxos teóricos). São Paulo: Editora da Unicamp, 1995.

_____. & REIS FILHO, Daniel Araújo. (orgs.) *História do marxismo no Brasil – Vol I - O impacto das revoluções*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003 (2ª ed. rev.)

_____. (org.). *História do marxismo no Brasil – Vol. III – teorias e interpretações*. Campinas: editora da Unicamp, 1998.

OLIVEIRA, Ilka. M. *A literatura na revolução*. 1998. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, S.P., 1998.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros – história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINHEIRO, Marcos César de Oliveira. *O PCB e os Comitês Populares Democráticos na Cidade do Rio de Janeiro (1945-1947)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. (dissertação de mestrado em História Comparada).

PONTES, Mateus de Mesquita e. “Jorge Amado e literatura de combate: da literatura engajada à literatura militante de partido” REVELI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG – Inhaumas. ISSN:1984-6576 – v.1, n.2, outubro de 2009.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. “Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil” in: SEGATTO, José Antonio. *Breve história do PCB*. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1989.

SENA Jr., Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível. (1936-1948)*. Recife, UFPE, 2008.

(Tese de Doutorado em História)

SENNA, Homero. *República das letras: entrevistas com 20 escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SCHNAIDERMAN, Boris. “Duas vozes diferentes em *Memórias do Cárcere?*”.

Estudos Avançados *Print version*ISSN 0103-4014. In:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000100022

STRADA , Vittorio. “Do ‘realismo socialista’ ao zhdanovismo”, in: Hobsbawm, Erick (org.). *História do marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987

TAVARES, Paulo. *Criaturas de Jorge Amado*. São Paulo: Martins, s.d.

THOMPSON, E. P..*Os românticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *Tradición, Revuelta y Consciencia de clase*, Barcelona, Crítica, 1979.

VELASQUES, Muza Clara Chaves. *Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Niterói, 2000. Tese de doutorado, UFF

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.